

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Almério Melquíades de Araújo

Unidade de Ensino Médio e Técnico

São Paulo/SP

2011

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec)

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Maria Lucia Mendes de Carvalho atua na Unidade de Ensino Médio e Técnico, desde 2002, como professora atuando em projetos de elaboração de currículos, e posteriormente, de formação continuada de professores. Quando a entrevista foi concedida a pedido da professora Maria Lucia Mendes de Carvalho, esta estava realizando a sua pesquisa para tese de doutorado na Faculdade de Engenharia Agrícola da UNICAMP, a fim de compreender como a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos passou a fazer parte da rede estadual de educação profissional do Centro Paula Souza.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: Sala 13 P da Cetec, antigo Anfiteatro de Química no Edifício Paula Souza do final do século XXIX, um edifício tombado em 2002.

Data: 28 de dezembro de 2011

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 83 minutos e quarenta e quatro segundos

Número de vídeos: dois

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 25

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi realizada em 28 de dezembro de 2011, com o professor Almério Melquíades de Araújo, coordenador da Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), com o intuito de compreender a origem da vinda das 82 escolas técnicas estaduais da rede de escolas da Secretaria da Educação, buscando informações sobre a sua estrutura administrativa na DISAETE antes de sua incorporação pelo Centro Paula Souza, entre 1992 e 1994. Essa entrevista será inserida dentro do Programa de História Oral na Educação iniciado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP), em 2013. A transcrição da entrevista foi concluída recentemente, para ser integrada ao projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente” (projeto Cetec 8.4.02.02/2018), a fim de começar a colher subsídios para a comemoração do cinquentenário do Centro Paula Souza, em 2019. O projeto Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, criado em 2008, é coordenado pela entrevistadora, devido ao apoio institucional do professor Almério Melquíades de Araújo, responsável pela implantação do projeto de Historiografia das Escolas Técnicas Mais Antigas do Estado de São Paulo, em 1997, quando este retornar a administração central do Centro Paula Souza para atuar como Coordenador de Ensino Técnico.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 28 de dezembro de 2018, e de 6 a 12 de janeiro de 2019.

Nome do transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

vídeo um: 52 minutos e 29 segundos

MLMC: Boa tarde, professor Almério Melquíades de Araújo. Hoje é dia 28 de dezembro de 2011, eu quero agradecer por me conceder essa entrevista, falando da sua trajetória na educação profissional. Inicialmente eu gostaria, se o senhor poderia dizer: quando nasceu? onde nasceu? e como ingressou e como começou o seu interesse pela educação profissional?

AMA: Nasci em João Pessoa, em 3 de dezembro de 1945, vim para São Paulo em 1966. Trabalhei na área de escritório, trabalhei em indústria, fui controlador de qualidade durante uns quatro ou cinco anos. Fiz meu Bacharelado e Licenciatura na PUC de São Paulo (Física). Ingressei no magistério, eu creio que em 1976 ou 77, e em escola técnica propriamente, a partir de 1983 na Etec Camargo Aranha, que fica na Mooca. Bem, eu não vou ter assim um cronológico rápido. (tosse)

AMA: Em 1987, para ser preciso, no dia dos professores, em outubro, eu vim para o Centro Paula Souza fazer uma assessoria ao superintendente Oduvaldo Vendrameto, que estava assumindo nesta data a superintendência no Centro Paula Souza. Trabalhei como assessor dele, que era uma função quase que solitária, e nós começamos a constituir a equipe, creio que em 1989 começou passou a ter uma designação de Coordenadoria de Segundo Grau. Já que na época, o ensino técnico era integrado. Na época, tinha doze escolas técnicas era integrado e uma coordenadoria de segundo grau. Entrei como assessor e fiquei nessa função até 1992, foram cinco anos, até novembro de 92, eu fiquei nessa função. Quando retornei devido a troca de mandato, o novo mandato, a troca de superintendente, eu retornei as minhas aulas, também na Etec São Paulo, eu participei da sua criação. Quando eu retornei as aulas eu tinha parte aqui na Etec (ETECSP) e parte na Camargo Aranha. Fui fazer o mestrado em educação na PUC/SP e terminei o mestrado em 93 ou 94, em meados de 95 eu terminei o mestrado. Terminei o mestrado sobre a minha experiência anterior na coordenadoria, com foco na construção de currículos para o ensino técnico na dissertação.

MLMC: Eu li a sua dissertação.

AMA: Leu. E ali nesse tempo que eu estava afastado parcialmente, fazendo mestrado. Agora, o Paula Souza recebe as escolas técnicas da Secretaria da Educação, que antes era a DISAETE, que foi incorporada pelo Centro Paula Souza, entre 1993 para 1994. Surgiu com um impacto, nós éramos 12 e virou 92 escolas, criou uma crise administrativa no Centro Paula Souza, gerou até um afastamento da gestão da superintendência.

MLMC: A gestão?

AMA: E aí, em setembro de 1995, a professora Laura Laganá assume a Coordenadoria de Ensino Técnico, já era Cetec, e me convida para assumir essa parte de capacitação e de reestruturação de currículos, etc.. No que já era uma outra instituição, por que a entrada dessas 82 escolas mudou o formato Paula Souza. Saiu de 14 escolas industriais para uma composição muito mais ampla, fazia parte inclusive de 35 escolas agrícolas. Na verdade,

não voltei para função anterior, por que a instituição estava completamente diferente. Em 1997, o professor Marco Monteiro assume a superintendência do CPS e a professora Laura Laganá é convidada para chefia de gabinete, e eu assumo a Cetec, por volta de setembro-outubro de 1997, e desde então eu estou nessa função, ou seja, vai fazer quinze anos em 2012. Estou no 15º ano nessa função, convenhamos quase uma vida.

MLMC: Primeiro eu tentei escrever um artigo, mas eu ainda estou lendo, e depois vou passar para o senhor, aquele que a Fatec me pediu, e eu até cito o seu nome aqui. Peguei o relatório do Horácio (Augusto da Silveira) e peguei o livro do (Shozo) Motoyama,

AMA: É de entrevistas.

MLMC: E depois peguei o livro dos 40 anos comemorativo, por que ele também faz uma retrospectiva, e do Arnaldo Laurindo, por que ele é importante, por que ele faz um apanhado muito bom da legislação. Daí eu peguei a tese da professora Lourdes Machado, das escolas agrícolas a tese de doutorado dela. Lourdes Machado você conhece.

AMA: Quem?

MLMC: Você conhece, ela chama Lourdes Machado.

AMA: Quem? Eu conheço mais não estou associando.

MLMC: Você conhece, por que ela participou da seleção de diretores nesse período, uma loira, que trabalhou na UNESP, ela fez doutorado, era de Vera Cruz, uma loira.

AMA: Não é Maria Isabel?

MLMC: Não. É muito interessante, por que ele entrevistou gestores e professores daquela época. Por que é desse período que nos não temos quase informação. Por que era o regime militar e as mudanças muito repentinas. Depois que veio da Secretaria da Educação, e com a falta informação sobre esse período, não dá para compreender muito bem o que se passou.

AMA: Que época foi isso?

MLMC: Por exemplo, em 1976, tinha a Coordenadoria de Ensino Técnico, depois em 1979 tinha GETEC e GEAD. Em 1991, deixou de existir a DISAETE.

AMA: Quando?

MLMC: Em 1991, para daí formar a DEETE, e nesse período, eu não consegui encontrar muita informação. O que eu percebi pelo livro do Shoyo

(Motoyama) que é de 1995, essa trajetória e foi mais ou menos nesse período que ele te entrevistou, quando você estava retornando para a Cetec.

MLMC: O Paula Souza estava fazendo 25 anos.

AMA: Isso deve ter sido em 1993

MLMC: Até o governador ele entrevistou, é muito interessante quando eu for estudar com profundidade esse período. Mas daí, o que eu percebo, o fato das nossas escolas no governo militar, na década de 70, isso pela leitura que eu fiz de alguns artigos, o governo militar transformou todas as escolas profissionalizantes e daí as escolas de segundo grau em escolas técnicas. Daí as escolas de segundo grau vieram utilizar os nossos laboratórios.

AMA: Das escolas técnicas da Secretaria da Educação.

MLMC: Até o livro do Oswaldo Nascimento, ele fala da Escola Federal de São Paulo, quanto transtorno trouxe por causa dessa política de governo, por que vinham os alunos de fora das escolas. No Centro de Memória da Carlos de Campos, eu recebi uma coleção de uma professora que tem fotografias lá do pessoal do MEC-USAID sugerindo mudanças, nos anos 60 ou 70.

AMA: Anos 70.

MLMC: Nessa virada e como a gente não tem informação e não tem mais essas pessoas para falarem, acaba que não temos quase informações. Eu imaginei que nesse período você já estivesse aqui, mas você é bem mais jovem.

AMA: Eu estava no período DISAETE (Divisão de Supervisão e Apoio às Escolas Técnicas Estaduais) passando para DEETE (Divisão Estadual de Ensino Tecnológico), isso eu acompanhei e isso se deu em 1991, eu já estava aqui na Coordenadoria, isso se deu em um período curto. A DISAETE como eu mencionei era uma divisão.

MLMC: Eu percebi que antes disso tinha a GETEC e a GEAD.

AMA: Tinha a que era a agrícola e essa era das outras escolas.

MLMC: Tinha essa coordenadoria das escolas do interior e vieram as escolas, mas não veio o dinheiro.

AMA: Qual é essa história? O que saiu da educação? O secretário de Ciência e Tecnologia, na época chamasse Delboni.

MLMC: É o Borzani? Por que o Borzani tem alguma relação.

AMA: Um nome parecido com esse laboratório Delboni.

AMA: Ele era presidente de uma Associação empresarial de máquinas, era presidente da ABIMAQ, isso em 1991 ou 1992¹. Eu não estava aqui ainda. Ele assume na época a Secretaria de Ciência e Tecnologia e ele tinha um projeto de que as escolas da Secretaria da Educação, as escolas técnicas em geral, ainda é educação, ele tinha um projeto que as escolas técnicas viriam para a secretaria dele, e elas seriam apadrinhadas pelas indústrias, uma visão empresarial.

MLMC: Como eram as escolas primeiras?

AMA: Isso. Ele suponha que as escolas poderiam ser adotadas pelas indústrias. Por exemplo: em Tatuí, ele suponha que as empresas de Tatuí interessadas poderiam ter interesse que alunos fizessem determinados cursos ou eles iriam investir na escola.

MLMC: Em Campinas isso aconteceu.

AMA: Etecape?

MLMC: Eu fui visitar a escola e parecia um minipiloto da Rhodia.

AMA: Era na origem. Só que quando Delbone quis fazer isso em 1992, mesmo sendo ele um líder empresarial, isso não aconteceu. Nem sei se ele chegou a transformar isso em um projeto escrito, ou se estava apenas na sondagem.

MLMC: Eu estava na indústria e era uma crise enorme. O momento econômico.

AMA: Eu acho que não funcionou por que o momento econômico, as empresas não atenderam esse chamado, e as escolas ficaram em uma divisão da SCT e essa passagem era do ponto de vista gerencial. A estrutura física e o patrimônio, o pagamento dos professores e dos funcionários, tudo ficou a cargo da secretaria da educação. Isso era difícil de gerenciar [...] A parte viva da escola [...] Como eu vou gerenciar uma escola?

AMA: e isso criou uma crise imensa, e as escolas ficaram confusas. E daí você tem uma mudança de governo. Acho que já era Mario Covas. Houve uma mudança de superintendência em setembro de 92 e no final de 1992, cria-se a Secretaria de Ciência e Tecnologia, transferiu essas escolas para o Centro Paula Souza. Foi uma coisa feita creio eu meio as pressas. Se você procurar algum registro de discussão, entre alguém da secretária, o superintendente que estava assumindo na época, secretário que estava a frente na época e o Centro Paula Souza estava há um ano saiu um superintendente pro tempore, saiu o superintendente e o vice dele ficou durante um ano. O Oduvaldo Vendrameto sai em 1991, e o Kazuo Watanabe

¹ Luiz Carlos Delben, presidente da Abimaq foi Secretário de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, entre 1991 e 1993, no governo de Luiz A. Fleury Filho (transcritora).

que era vice assume e fica sem mandato durante um ano. Nessa situação de crise do Centro Paula Souza, entra um novo superintendente, e em 1993, nesse meio tempo, continuavam as escolas. Essa DEET existiu durante dois ou três anos no máximo, que eu falei que as escolas ficavam com vínculo com a Secretaria da Educação, e o pagamento era de lá e tinha um departamento minúsculo chamado DEET gerenciando as escolas, com meia dúzia de pessoas, entre 93.

MLMC: Isso em?

AMA: De 1991 a 93

AMA: O secretário achava que trazendo as escolas e instituindo esse novo modelo, esse apadrinhamento Essas escolas da secretaria da educação poderiam se aproximar do modelo do SENAI. Ele achou que essas escolas com auxílio poderiam se aproximar ao SENAI.

MLMC: DEETE era da Secretária de Ciência e Tecnologia?

AMA: Era da SCT, era um grupo gerencial na SCT pequeno, enquanto que todos os diretores e todos os professores eram da educação.

AMA: Que experiência e que autoridade, então o plano que eu tinha que acabou naufragando o projeto

MLMC:

AMA: Em 1993, se apela para uma saída muito bem-intencionada, que era trazer essas 82 escolas, que dentro do universo da secretaria da educação, elas não eram prioridades e sofriam, tinha anacronismo tecnológico. Para os professores não tinha concurso há décadas para preenchimento de vagas técnicas, só tinha chamado para professores do núcleo comum. Então os professores eram precários, trazem para uma nova gestão para tentar um novo modelo a partir da Secretária de Ciência e Tecnologia. O que existiam era uma instituição com 14 escolas técnicas bem administradas do Centro Paula Souza.

MLMC: A Fatec estava fora do Centro Paula Souza?

AMA: Sim. Era um grupinho, era uma salinha da SCT

AMA: A DEET era da Secretaria de Ciência e Tecnologia. O primeiro professor que era um professor da USP, Fuad² da Física, se você quiser entrevistar, e depois veio uma pessoa que era empresário. Fuad foi o primeiro dirigente da DEET, e foi uma tentativa de mudar o modelo das 82

² Fuad Daher Saad foi membro do Conselho Deliberativo do Centro Paula Souza entre 1988-1992. Trabalhou com o professor Kazuo Watanabe na USP, e têm publicações em revistas científicas, na década de 1970, juntos. (transcritora)

escolas da DISAETE, e viviam uma crise e falta de estabilidade do corpo docente.

MLMC: Receber aluno do ensino médio

AMA: Isso aconteceu nos anos 1970, vigência da 5692.

MLMC Mas isso foi no começo da década de 90.

AMA: Esse modelo que você está se referindo. Isso foi de 1971 a 1980.

MLMC: Eu percebi que tem alguns decretos intermediários, que mostra que está querendo separar e não separa, e daí acabou.

AMA: Isso foi em 80.

MLMC: Quando chegou no início de 90 acabou.

AMA: Tem bastante testemunhos em relação aos 1970 e 80, e tem as pesquisas da Carmen (Sylvia Vidigal Moraes), o Cordão também. Dessa época, o SENAI tem bastante informação dessa época.

MLMC: Então o senhor estava trabalhando aqui na DEETE

AMA: O Fuad chamou a gente para participar e nós íamos como uma instituição que também estava dentro da Secretária de Ciência e Tecnologia, íamos lá para participar das reuniões, mas o projeto DEETE não era um projeto Centro Paula Souza. Essas escolas vieram para o Centro Paula Souza quando a DEETE de certa forma se tornou inviável.

MLMC: É uma confusão danada mesmo.

AMA É. Eu não sei se chama Delbim Leite, é vivo ainda. O Delbim Leite foi secretário que criou a DEETE. Ele é uma pessoa que eu não sei se ele chegou a escrever, o que ele pretendia com essa vinda das escolas. Eu lembro, isso é uma coisa verbal, desse projeto que ele tinha das empresas e de aproximar as empresas e de aproximar o SENAI também. Eu não sei se tem alguma publicação, isso eu desconheço. O superintendente em 1983, que era o Horani, fechar a DEETE e trazer essas escolas para o CPS no fim de 1993, eu desconheço qualquer texto sobre isso.

MLMC Lendo sobre os cursos de nutrição, elas começaram a discutir em 84, mas levou dez anos para vir.

AMA: A questão da vinda dessas escolas, nunca foi.... A iniciativa de uma escola, o que está registrado é pouquíssimo. Eu lembro que a Luther King, quando eu estava aqui em 1991, e a Bento Quirino, um grupo de professores procuravam por que eles viam no CPS uma saída, assim como a Vasco

queria ir para a UNESP, então você tinha iniciativas isoladas, com o objetivo de sair da DISAETE.

MLMC – Eu sempre pego o que eu tenho estudado de alimentação e nutrição, e eu vejo uma documentação da professora Debbble, em 1980 e pouco teve um encontro que a professora Neide Gaudenci foi chamada para começar a montar um currículo.

AMA: foi no início do governo Montoro, teve um fórum, em 1981,

MLMC: O Gadotti fazia parte da organização desse fórum

AMA: O secretário era o Paulo de Tarso do governo Montoro, ele resolveu. O Maluf era secretário da educação e tinha um projeto, que trouxe as seis conveniadas, de 80 para 82, e de 1982, trouxe seis escolas da Secretaria da Educação: as duas de Sorocaba, a GV, Mogi das Cruzes, Santo André e a Camargo. Quando ele trouxe seis, isso causou um impacto, as demais também vão, e ele disse que a DISAETE seria extinta. Mas o Maluf não faz isso, mas acho que em 1983, o Montoro assume, acho que foi em 82. Quando o Montoro assume teve confusão, e nesse Fórum de um governo democrático e essas pessoas que eram contrárias, não tinha nada de revolucionário e democrático, a maneira como foi feito sim, mas o objetivo era preservar aquele status quo.

MLMC: É um problema que você sente até hoje.

AMA: Sim. O diretor quer manter e eram funcionários mais conservadores. Era preservar os empregos e os status. O diretor quer manter, o pessoal vai se aposentar. O que aconteceu atrasou uma vinda que já tinha sido planejada foi suspensa. E retornar em período de crise, em 1993, que foi um fracasso, para uma instituição que era pequena que era o Paula Souza, mas que era um modelo: - Eu não vou devolver para aquilo que era a DISAETE, eu vou colocar aqui dentro, nessa instituição que tem 14 escolas muito bem estruturadas, que deem um jeito nisso. E nós demos. Quem sugeriu a vinda para o Paula Souza acertou.

MLMC: As quatorze escolas já tinham esse currículo integrado? Já tinha essa proposta?

AMA: Toda a história do ensino técnico, a partir dos anos 50, era predominantemente o integrado.

MLMC: No registro de nutrição cultura gerais

AMA: Na época, a partir dos anos 80 tinha um núcleo comum, tem toda uma mudança de nomenclatura.

MLMC: Quando vieram para a nossa instituição já tinha um problema porque não eram professores de escolas técnicas.

AMA: Na Secretaria da Educação eles tinham professores engenheiros, a questão é que o estado não fazia para o ensino técnico os concursos que fazia para o ensino da base comum, isso fazia com que corpo docente fosse precário.

MLMC alta rotatividade

AMA Alta rotatividade, não tinham todos os benefícios, e do vínculo empregatício estavam inferiorizando aos professores do ensino fundamental e médio regular, na nomenclatura de hoje.

MLMC: inclusive a questão salarial?

AMA: Eu não sei, por que se você não é concursado, você não evolui na carreira, você entra e fica parado. Se você não é concursado, você é um precário, você fica estagnado. Com a experiência que eu tenho em carreira pública, se você é concursado.

MLMC: Até por que se você não é concursado: - Eu me lembro que eu pegava aulas como estudante, tinha que começar tudo de novo.

AMA: Se você é precário, você pode ser substituído a qualquer momento. Eu lembro que o professor precário não tira férias. Era uma situação inferior, e devia impactar a questão salarial, mas eram professores da área técnica, mas com essa deficiência, e isso fazia com que comprometesse o processo de atualização, um processo mais anacrônico. Os currículos também e a DISAETE tinha uma equipe muito simples e pequeno, ou seja, era uma situação de crise.

MLMC: O sistema de coordenação como nós temos hoje na Paula Souza, de área e tal, não existia nesse tempo.

AMA: Não. Você deveria ter no máximo um agrônomo.

MLMC: Ele não recebia por isso. Tinha uma coordenação com os mais antigos destacados, mas não tinha carga horária definida. O professor que dava disciplina, ele também dava aula era também o coordenador.

AMA: Não existia dentro da escola a coordenação. Por que era tão predominante a educação básica que toda a estrutura, todos os procedimentos, toda a estrutura de governança dentro de uma escola técnica, era como se fosse uma escola não técnica. Isso de coordenação de área você podia até ter, mas não havia essa função com gratificação, ficava dependente da boa vontade do professor mais antigo, etc. De fato esse modelo que você conhece é o modelo Paula Souza, de quando as escolas vieram para cá, se constitui o regimento do Centro Paula Souza e daí você tem o surgimento do coordenador é dos anos 90. Mas esse coordenador tinha x horas, e na minha gestão a gente conseguiu instituir uma gratificação para a coordenação. A hora coordenação era a hora relógio, quando ele

abandonava as aulas para vir para a coordenação, se fizer essa conta você tinha redução da hora trabalhada.

MLMC: Poxa! Primeiro era um período muito difícil esse de 93 aqui.

AMA É. Mas é curioso, pode ser que talvez você descubra alguma coisa, eu acredito que não. Talvez o Elias Horane, o Delbim Leite, não sei se o Fuad ou a própria pessoa que você pode consultar é a Yolanda Silvestre, não sei se ela é do conselho deliberativo.

MLMC: Ela continua.

AMA: A Yolanda, ela era da DEETE, e ela estava na secretaria e ela acompanhou mais de perto essa das 82 na secretaria de tecnologia. Acho que ela ficou uns três anos lá. Não tenho certeza absoluta.

AMA: Essa tecnologia deve ter, mas eu conheci a Yolanda na DEETE na Secretaria de Ciência e Tecnologia.

MLMC: Quando passou de integral para modular?

AMA: Na verdade, o ensino técnico quase no final da década de 90, mais da metade era integrado. Mas a noite, na época, eles ofereciam o que chamava ETIV. O que era o EITV? É isso que você está chamando de modelar. O aluno que já tinha concluído o ensino médio ele poderia fazer de forma que nos chamamos de subsequente.

MLMC: Que ano era isso?

AMA: Se você conversar com a Isabel, o Sebastião.

MLMC: É a primeira vez que eu estou ouvindo isso.

AMA: Acontece que em 84 já era uma alternativa, e já oferecia. Mas é possível que tenha alguma escola que tenha essa experiência de 1984. Uma federal ou SENAI. (uma criança entra na sala...risos)

AMA: O que você quer aqui? (questiona a criança)

Criança: Daqui a pouco eu vou brincar aqui.

AMA: Só depois das 4 horas. (respondendo a criança)

MLMC interessante para se estudar. Será que todas ofereciam.

AMA Certamente não. Eu recebi a matriz do ETIV, provavelmente uma dessas escolas. Tinha dois anos. O pessoal que fez ensino médio fazia ETIV. Eu já escutava que a enfermagem tinha o ETIV, a nutrição.

MLMC: Isso é muito interessante. Eu pensei que isso tivesse acontecido com 9496/96, então já tinha um trabalho anterior.

AMA: Eu tenho quase certeza que a federal tinha esse modelo, o que acontece é que predominava o modelo integrado

MLMC: Tem muita crítica por não ser o modelo integrado. E está voltando agora o integrado.

AMA: Mas veja bem. Hoje, aqui no Brasil tem uma coisa engraçada, quando o governo suspendeu o ensino integrado. Nós só tivemos o ensino integrado proibido só com o decreto 2208.

MLMC: A Federal continuou.

AMA: Mas só com 2208 que vai de abril de 1997 até 2004, quando é revogado, e daí vem o 5104. Daí ficaram ambos. Mas mesmo assim, a maioria das escolas só começou a oferecer o modular em 1999. Nós tivemos seis anos que não teve o integrado, por que a partir de 95, você já podia voltar ao integrado. Então toda essa discussão se dá encima da exclusão do integrado que não foi além de seis ou sete anos.

MLMC: Eu mesmo fui professora do integrado.

AMA: Você tem uma situação atípica e um ponto fora da curva, que foi a vigência do decreto 2208. Mas fora isso, apesar desse período de apenas seis anos, e de ter havido toda uma discussão por trás. Quando o 5154 é aprovado em 2004, e que se esperava um retorno avassalador para o integrado, é estranho, porque houve uma frustração.

MLMC: Até agora eu sempre defendia o não integrado, por que eu imaginava com o avanço da tecnologia eu acho que é difícil você ficar com um aluno na escola quatro anos preso na escola.

AMA: Depende da faixa etária, da idade do aluno para ficar quatro ou cinco anos.

MLMC: O integrado vai voltar ao passado e nós vamos formar para a universidade.

AMA: Ai você tem que ver quem é o público alvo, como está essa questão na universidade. tem que contextualizar. Você tinha também os grupos técnicos da rede federal, que tinham 5000 alunos, e tinha os alunos do Centro Paula Souza, com 14 escolas e 20.000 alunos, e que tinham no SENAI 5000 alunos. O aluno do Centro Paula Souza e esse era o ensino médio técnico chamado de qualidade. Na época, 75% eram de escolas particulares fazendo contabilidade. Esses alunos iam para a faculdade? Eu acho que não. Então há certos estudos, em que o campo de pesquisa é a rede federal, e foi essa análise restrita da federal, que deu margem ao discurso que eles vão para as

universidades. É claro que eram os alunos dessas escolas de excelência, nas capitais, SP tinha dez milhões de habitantes e uma única escola no estado com 40 milhões de habitantes. Os alunos estão indo para a faculdade? Será que um aluno que fez o curso de contabilidade lá em Cerquilho foi para a USP?

AMA: No Brasil, você encontra algumas deformações por que a pesquisa está sujeita ao RJ ou SP, há muita miopia nesse tipo de estudo e muitas vezes uma política é formada a partir de referenciais como esse. Eu até enxergo que o decreto 2208 vem dessa leitura dessas escolas que oferece o curso integrado.

MLMC: E muito parcial

AMA: Então há muita mentira nesses estudos. E as vezes uma política é tomada, e o 2208 nessas escolas de elite, vem e não que isso fosse geral para todo o ensino técnico

MLMC: Como relação as escolas agrícolas, tirando os cursos de agroecologia e agroindústria, não houve muita modificação, nós continuamos com as 35 escolas há muito tempo

AMA: Eu diria que para as nossas escolas agrícolas, quando o integrado ficou suspenso, nesse período do 2208, e também você tem que analisar outros aspectos do decreto. Quando acaba o integrado o ensino técnico tenta sobreviver por conta própria, não tinha mais a carona do ensino médio. Então o que aconteceu? Muitos, mas o que aconteceu muitos cursos diminuíram sua oferta, e esse tipo de situação a escola teve que se adequar. No caso da escola agrícola, teve um impacto, eu não tenho os números mais como uma boa parte delas elas ficam isoladas da cidade, ficava difícil fazer a concomitância.

MLMC: Até hoje nós temos esse problema, isso no sudoeste do estado.

vídeo dois: 31 minutos e 15 segundos

MLMC: Eu trabalhei em um projeto no Programa Mais Alimentos.

AMA: Sei. Você tinha essa situação, quer dizer: - o aluno deixou de ser daquele aluno de outro estado. Nesse sentido também revelou determinadas situações, eu acho que precisaria ter uma pesquisa específica: - como estava naquele tempo? por que tem somente 10% de alunos da cidade dentro da escola?

AMA: É uma coisa meio esdrúxula. Por que o aluno ficava apartado da família o ano inteiro com apenas quinze anos.

MLMC: Mas acho também que tem haver, por que quem investia em educação era São Paulo, devido às condições econômicas e oferecia educação.

AMA: Não tinha federal e vinham para cá.

MLMC: Foi somente nesses últimos dois governos, foram os que ampliaram as federais.

AMA: Se ele não passasse a saída dele era vir para São Paulo.

MLMC: Quando eu fui visitar escolas de Vera Cruz, e em Paraguaçu Paulista era o pessoal de Mato Grosso que vinha fazer curso de Agrimensura.

AMA: O Jorge Viana que hoje é senador no Acre, foi aluno de Rancharia, ele e outros alunos. O Acre não tinha. Mas era uma situação que tinha todo tipo de explicações. Enfim, quando vem o decreto 2208 ele revelou tudo isso. Tentar matrícula no ensino médio naquela cidade, e tentar o técnico aqui, coisa que nem sempre era próximo para que ele conseguisse. Isso fez com que as escolas agrícolas procurassem um publico alvo mais próximo e mudou bastante o perfil desse aluno. Mas ao mesmo tempo, para tornasse atraente, houve uma diversificação nos cursos e nós passamos a oferecer curso de Florestas, Agricultura Familiar e Agroindústria.

MLMC: Até para desenvolver o local.

AMA: Deixa eu atender: - daí trouxe o curso de cafeicultura, tinha um tempo que tinha agricultura e surge produção de cana de açúcar. Nesse período, de diversificação, se você olhar o numero de matrícula dobrou. A escola teve que se virar. Teve que olhar no entorno.

MLMC: O que é bom. Eu que trabalhei em indústria desenvolvendo tensoativos para essa área, e todo ano tinha que mudar, por que a cana de açúcar muda. Esse profissional é fundamental.

AMA: Essa prática na Paula Souza, os currículos passavam pelo laboratório de currículo, isso foi instituído há vinte 20 anos, você não tinha isso, antes não tinha isto. Isso aconteceu com o decreto 2208, o que obrigou a uma intensificação na definição dos perfis profissionais e dos cursos.

MLMC: Quando foi criado? Na sua gestão? Como foi a ideia do Laboratório do Currículo?

AMA: Não isso vem da reforma, do decreto 2208. No Proete para você conseguir o financiamento você tinha um modelo, e daí tinha uma proposta de gestão escolar.

MLMC: Eu lembro do acervo da Debbble que ela foi para uma reunião de Laboratório de Currículo. Será que tem em alguma coisa a ver com isso. Agora eu passo ver isso com outro olhar.

AMA: Daí vale apenas você olhar os princípios fundamentais do Proete, a reforma, 97 e 98, como era MEC tem documentação, aí você tem o modelo de como seria a gestão escolar, para aproximação social e econômico para ter uma gestão pedagógica. Tem um modelo

MLMC: E esse modelo tem haver com a 9496?

AMA: Qual?

MLMC: A legislação da educação profissional.

AMA: Ai você tem as diretrizes do ensino técnico. Aí você tem a definição de função e subfunção, competências, habilidade e de bases tecnológicas. Já foi uma reforma que tem subsídios, referenciais teóricos e reforma curriculares.

MLMC: E a mudança para eixo agora?

AMA: Essa mudança para eixo, vamos dizer: - o único impacto foi reduzir as nomenclaturas para os cursos técnicos, mas ela não entra na essência. Ela não discute as diretrizes. Você lança um catálogo, e na verdade, se você olhar direito, ela pode ser comparada a 5692. Aquele anexo que trazem as matérias, o conceito de matérias.

MLMC: Estava muito aberto. Foi mais para montar o catálogo

AMA: Vamos dar uma nomenclatura, é uma orientação. Ela não nem diretriz, ela é uma coisa simplória, mas ao mesmo tempo muito programática. Você olha para isso e diz que curso é esse com meia página.

MLMC: Foi mais para montar os currículos continua tendo aquele sistema.

AMA: você continua tendo as competências e os referenciais curriculares. As diretrizes são mais abrangentes são aquelas de 99. Você não tem uma diretriz nova, modificada com as áreas profissionais, com função ou subfunção, aquilo era definir. O que são funções? o que são competências? Não que fosse algo rigoroso.

MLMC: Mais contribuía.

AMA: O erro que houve na época foi não ter definido uma proposta para uma área profissional, não precisa ser todos, mas pelo menos ter um conjunto de cursos que servisse de referência para aquelas áreas profissionais. Foi uma falha, o catálogo supriu isso

MLMC: Professor, além do catálogo existe um cenário que eles fazem para projeção ou parou nesse catálogo? O ministério da educação eles fazem alguma projeção?

AMA: É uma coisa administrativa, vamos dizer assim. Eu faço alguma discussão, eu tenho dois ou três consultores, a coisa foi muito simples. Você não encontra Mara Lucia nenhum documento que diga o porquê desse catálogo, de uma forma mais substancial. Não há nenhuma definição do porque dos eixos tecnológicos. Você criar uma árvore.

MLMC: Eu não trabalhei nos currículos depois dos eixos, e gostei da metodologia, empreguei a metodologia usando como referencia. Mas como eu participei daquelas duas jornadas de iniciação científica, que envolvia as federais, que eu fui participar. Foram dois anos seguidos, e eu tive contato com o pessoal do MEC. E por isso eu constatei o que você está colocando, são poucas pessoas, eram duas ou três pessoas que tinham que restringir aquele número de cursos que era muito aberto, até por causa das instituições privadas.

AMA: Aquilo foi só uma tentativa de racionalização,

AMA: Mas não passa de uma nomenclatura, se você pensar em um dicionário um pouco mais amplo.

MLMC: Até no apanhado que eu faço nesse artigo, no final eu coloco isso, que a gente precisaria ter um plano para discutir cenário em função da empregabilidade, e definir cenário para a gente discutir mais para onde direcionar.

AMA: O plano de educação apesar do projeto do Brasil Profissionalizado, do Proete, agora é Pronatec, e cada governo quer ter uma marca de seus programas. Mas eles não revelam que a educação profissional é uma prioridade. Ainda são programas com caráter emergencial, sempre aparece como algo que vamos fazer para 2 milhões ou 8 milhões

MLMC: Eu acho que teria que ser prioridade.

AMA: Mas você não tem uma continuidade. E você não tem também dentro da academia uma discussão significativa sobre a educação profissional. Você não tem estudiosos, um na federal do Rio, outro em Pernambuco.

MLMC: Sempre com recortes.

AMA: E são pessoas até certo ponto distante das escolas técnicas. Não há uma interação entre aqueles que pensam a educação profissional, vamos dizer diretores da escola, supervisores educacionais, os professores, etc. e a academia. Você não tem.

MLMC: Nas duas jornadas que eu participei, principalmente na segunda, sobre ensino médio, que eu participei, não sei se na federal os cursos de tecnologia são junto com os cursos técnicos, e eles conseguiram verba pública da CAPES para trabalharem juntos. Por que a gente não consegue aqui no Centro Paula Souza trabalhar desse jeito?

AMA: Acho que é uma questão histórica. A forma como se deu a oferta do tecnológico no Centro Paula Souza, não sei se isso é uma explicação: - no SENAI, nas federais, o ensino tecnológico vem praticamente nos anos 2000, e vem a partir das escolas técnicas, da oferta de cursos técnicos. No Centro Paula Souza se dá o oposto, você tem uma instituição que nasce no bojo do milagre brasileiro, que vem para suprir a formação superior, principalmente nas áreas de engenharias, e com um curso mais de caráter operacional. Curso que estava surgindo na França, na Alemanha, era uma experiência também europeia de formação superior com vínculo maior com os processos de produção, com o trabalho mais abrangente. O Centro Paula Souza cria esses cursos. e no plano federal aparece na mesma época cinco centros federais, mas encima das escolas tecias já existente, que eram no Paraná, Minas, Rio, Bahia e Maranhão, se não estou enganado era isso. Olha só: veja só você tem duas Fatecs, SP e Sorocaba, e .esses cinco centros federais, uma experiência de mais de 60 anos. Aqui não, surge um modelo isolado, e fica até certo ponto estagnado durante mais de uma década. Ou seja, aparentemente foi uma experiência que não deu certo, em um estado poderoso como esse. Você cria em 1970 um curso, e quando chega em 1980 são quantas escolas: São Paulo, Sorocaba e. Campinas, não surgiu mais em canto nenhum, e restrita a área de mecânica

MLMC: Construção Civil.

AMA: E a única novidade é informática, e era em São Paulo, Sorocaba nem tinha..

MLMC: Começou como Processamento de Dados aqui.

AMA: Informática era uma experiência restrita. O Centro Paula Souza só começa a ter no final do governo Maluf, quando vem, como eu falei, de 1980 a 81, seis escolas, e depois mais seis escolas, o que causou uma estranheza você tem duas fatecs e vieram 12 escolas técnicas. Sempre houve um estranhamento, e nunca houve uma política de verticalização das fatecs e as escolas técnicas, e nunca houve de verticalização de currículos em um processo educacional.

MLMC: Eu acho que o dia que acontecer isso aqui, teremos um salto.

AMA: Já teve várias tentativas: - Quando se cria uma Fatec dentro do campus da Polivalente de Americana, eu estou falando de 89 ou 90, estou falando do final dos anos 80, se cria essa experiência, o objetivo era justamente começar esse exercício de integração. Entretanto não ocorre. Tanto é assim, que o superintendente que promove essa experiência, ele não

consegue se manter. Ele é o único que tentou uma recondução e não conseguiu. Ele desagradou tanto as Fatecs, que ele não consegue a recondução. E isso foi um fator que houve uma consulta que ele pleiteou, e ele teve um resultado favorável nas etecs e muito desfavorável nas fatecs.

MLMC: Eu li sobre uns períodos de sair da Paula Souza para ir para a UNESP.

AMA: Aí há uma outra discussão. Quando você cria um ensino tecnológico superior na Paula Souza, e isso é uma coisa só nossa: uma jabuticaba. Você cria com o nome de Faculdade de Tecnologia, pela primeira vez. Por que os institutos federais, chamados de centros de educação tecnológicos. Quando você cria faculdade você cria uma ideia de universidade.

MLMC: Tinha o curso de dois anos aqui, e tinha na FEI que era faculdade de engenharia.

AMA: Engenharia Operacional.

MLMC: Esse nome deve ter alguma coisa haver.

AMA: Aí resolveram chamar faculdade de tecnologia e cria-se uma congregação, tinha um vínculo com a UNESP e você vai encontrar no depoimento do professor Kokei, no Shozo, ele colocando que esse vínculo com a UNESP, iria trazer essa coisa de universitário e acadêmico. Aí, você tem um crescimento dos cursos tecnológicos, passando de três para dois e meio, uma valorização nas titulações acadêmicas, você tem um processo, que não estou dizendo se está certo ou errado, mas que fez com que o sonho de ser universidade e der ser um instituto superior se consolidasse. E a proximidade com o ensino técnico, mas havia um certo incomodo, como o ensino tecnológico era muito pequeno. Estou falando das antigas fatecs, agora não sei como pensam. Havia um pequeno número e isso fazia com que grande parte da produção não distinguisse o técnico do tecnológico. Você ter uma Fatec junto com a etec, isso aumentava essa possibilidade de confundir. Isso foi o resultado da consulta para o superintendente, um professor daqui da Fatec teve uma votação.

AMA: Diga (alguém chama)

AMA: Você se tem essa indisposição. Por conta desse sonho de quarenta anos. E hoje mesmo com esse crescimento das fatecs e do crescimento do ensino tecnológico no Brasil, ainda há esse sonho. Veja bem, nesse mesmo período há vinte anos atrás, houve um projeto de criar a UTP – Universidade Tecnológica Paulista, baseado no Centro Paula Souza. Você tem um histórico.

MLMC: Com o instituto tecnológico, você tem o estado e nós poderíamos fazer muita coisa que não teria nada haver com o acadêmico, mas que é pesquisa.

AMA: Eu acho que essa discussão teria que ser melhor qualificada, para não ficar na discussão: de você ser um instituto superior, de você ter um reitor, estar cheio de doutor.

MLMC: Não pode ser burocrático.

AMA: Deveria partir de uma constatação de que a instituição produz tecnologia e não só difundir. Eu acho 90% da nossa ação no ensino tecnológico é só difusão.

MLMC: Mas eu acho que as feiras que estão acontecendo é o caminho.

AMA: Pode até ser, é uma oportunidade. Aí a gente tem que ver até que ponto ela revela essa capacidade do ensino superior produzir tecnologia e não apenas difundir.

MLMC: Por isso eu dependo desse trabalho de memória e história. Quando eu falo de história, porque a história pode ser um caminho para aglutinar pessoas para a gente estar discutindo e fazendo análise do que está acontecendo.

AMA: Eu acredito Maria Lucia que até que ponto ela revela do ensino superior produzir tecnologia, ver se essa oportunidade gerou.

MLMC: Nós precisaríamos fazer mais isso

MLMC: É por isso que eu defendo essa trabalho de memória Nós poderíamos fazer mais isso

MLMC: Isso aproxima as pessoas.

AMA: Fazer todo ano um simpósio, onde os professores apresentam trabalhos.

MLMC: E gerar material.

AMA: Provavelmente cada faculdade teria uma expressão, um conjunto de uma região. Ter um evento onde revelasse um equipamento novo, algum serviço novo ou uma produção intelectual, um artigo, isso teria que ser fomentado.

MLMC: como você colocou, quando alguém quis mudar isso rapidamente até caiu, é um processo de formação e de mudança de mentalidade, e por que mudar comportamento não é tão simples.

AMA: Mas você não tem projeto nacional de educação profissional, você tem um decreto que estabeleceu isso. Tanto que o decreto 2208 estabeleceu isso: - técnico, médio e tecnológico, estou falando de 97. Quando o ensino

técnico e superior já conviviam trinta anos. Pelo menos você tem um documento falando o que são esses três níveis. Mas se você procurar discutir o que significa cada um deles, você vai encontrar as diretrizes de 99 para o ensino técnico, tem diretrizes para filosofia e alguns, mas no curso superior ficou empacado.

MLMC: Já começa com o nome, que o nosso é educação profissional, e o no nacional, no MEC, é educação profissional e tecnológico.

AMA: Nesses fóruns nacionais, você não tem muita fala e faltam resultados.

MLMC: Eu acho que falta é avaliação.

AMA: Tem outro detalhe, as vezes a legislação ela confunde, quando você vê o ensino tecnológico apesar de estar no decreto como parte da educação profissional, quando você vai nos conselhos estaduais, na Câmara de Ensino Superior, o técnico na Câmara da educação básica. Se está na câmara com o secundário o sujeito vai ficar chateado por que pode ser tratado como secundário.

MLMC: Mas se ele vai estar junto com a universidade, vai ser tratado em uma câmara que não é adequado.

AMA: Não se criou uma Câmara de Educação Profissional. Em São Paulo, teve uma por seis meses e depois desistiu. Por que havia resistência provavelmente, a onde? Por que o tecnológico não quer estar junto com a educação profissionalizante. Você tem uma explicação histórica.

AMA: E o Paula Souza poderia estar puxando essa integração (risos)

MLMC: Professor eu quero agradecer e vou fazer essa transcrição no próximo ano. Conversando com o senhor me surgiu uma série de outras questões.

AMA: Falando prioritariamente do trabalho da Cetec.

MLMC: Como é a primeira entrevista, é importante principalmente para mim que não participei dessas décadas de 80 e 90. Mas se o senhor me permitir, nós vamos fazendo aos poucos, mas vamos fazendo o trabalho por etapa.

AMA: Esses personagens que eu citei, se você quiser...

MLMC: No livro do Motoyama eu sei que vou conseguir, eu me fixei no último capítulo, e tem uma riqueza de detalhes. Mas eu quero mais ficar na Cetec

AMA: Ah na Cetec, ok

MLMC: Ter essa evolução também é importante, e eu acompanhei também. E também o seu estilo de gestão, e também as feiras, e ir montando projetos junto com os professores, e que irão fazendo essas análises.

AMA: A gente pode abrir os simpósios também passa a ser uma marca, e a gente pode abrir para outros países.

MLMC: Obrigada.

AMA: Obrigada Maria Lucia.

Descritores

Secretaria da Educação

Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico

UNESP

DISAETE

Divisão de Supervisão e Apoio às Escolas Técnicas Estaduais

DEETE

Divisão Estadual de Ensino Tecnológico

Almério Melquíades de Araújo

Fuad Daher Saad

Oduvaldo Vendrameto

Marco Monteiro

Laura Laganá

ETVI

Currículos

Unidade de Ensino Médio e Técnico

Engenharia Operacional

Faculdade de Tecnologia

Escola Técnica Estadual Professor Camargo Aranha

Escola Técnica Estadual São Paulo

Câmara de Ensino Superior

Câmara da Educação Básica

UNESP

UTP

Dados Biográficos do Entrevistado



Almério Melquíades de Araújo – possui graduação em Física pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Letras Professor Carlos Pasquale (1991) e Mestrado em Educação (Supervisão e Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995). É pesquisador da área de Currículo em Educação Profissional e Tecnológica, participando e organizando congressos, seminários, feiras e comissões que tratam do assunto. Membro da Comissão do Fórum da Educação Profissional do Estado de São Paulo; Presidente das Comissões de Qualificação de Diretores e Coordenadores de Área Acadêmica e Pedagógica e do Comitê de Diretores das Escolas Técnicas Estaduais de São Paulo. Atualmente é Coordenador da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, respondendo pelos grupos de elaboração e reformulação curricular, capacitação continuada de docentes, educação distância e supervisão educacional. Endereço na plataforma lattes: <http://lattes.cnpq.br/0386934902332518>

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017) e Espaços, Objetos e Práticas (2018), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica

Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem